



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARCO AURÉLIO DE FIGUEIREDO ACOSTA

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-743

Entrevistado: Marco Aurélio de Figueiredo Acosta

Nascimento: 01/05/1964

Local da entrevista: Via Internet (Facebook). Entrevistado em Santa Maria e entrevistadora em Porto Alegre.

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 02/12/2016

Transcrição: William Gomes

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 22 minutos e 17 segundos

Páginas Digitadas: 9 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Importância do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria; Criação do Memorial da Educação Física e do Esporte; Acervo; Linhas de investigação; Estrutura e divulgação; Exposições; Bolsistas; Apoio do curso de Arquivologia; Envolvimento e futuro do memorial; considerações finais.

Porto Alegre [e Santa Maria], 02 de dezembro de 2016. Entrevista com Marco Aurélio Acosta a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C. M. – Professor, muitíssimo obrigada por me atender aí, essa tecnologia nos ajudando. E eu queria que o senhor começasse falando da sua formação, a graduação, mestrado.

M. A. – Eu fiz a graduação em Educação Física, aqui na UFSM¹, eu fiz toda a minha formação aqui. Fiz a graduação, terminei em 1988, depois fiz mestrado e doutorado na temática de envelhecimento, também aqui em Santa Maria² na Educação Física.

C. M. – E quais foram, qual foi a temática mais exatamente assim do mestrado?

M. A. – Eu fiz um caminho meio estranho no mestrado, eu trabalhei com questões mais das humanas, trabalhei com discussão de corpo, com Merleau-Ponty³, sobre corporeidade e envelhecimento. E depois no doutorado eu discuti teorias biológicas do envelhecimento. Eu entendia na época, que é um objeto tão grande que a gente tem que lançar mão de diferentes olhares. Embora a gente saiba que isso às vezes é difícil, a gente acaba tendo aquela tradição de trabalhar sempre com o quantitativo, ou com qualitativo, e as vezes se limita um pouco, e eu vejo que foi uma decisão correta para trabalhar com os alunos, tu poder argumentar tanto no campo das humanidades, como no campo da saúde. Foi interessante, só deu trabalho [risos].

C. M. – É, imagino [risos]. E como se deu a criação do Memorial da UFSM⁴?

M. A. – Pois é, de 2010 à 2014 eu fui diretor do Centro Educação Física e Desportos, o equivalente a ESEF⁵ de vocês aí. Então na condição de diretor eu tenho que pensar em coisas que vão muito além daquele trabalho que a gente faz. E pensando um pouco sobre o

¹ Universidade Federal de Santa Maria

² Santa Maria – RS.

³ Maurice Merleau-ponty.

⁴ Memorial da Educação Física e do Esporte.

⁵ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

impacto que o CEFD⁶ tem na história no cenário da Educação Física brasileira, que me deu essa ideia. Até hoje quando a gente viaja, Chris, para qualquer universidade do país a gente encontra na Educação Física, alguém que fez o mestrado, ou que fez o doutorado aqui. Tu deve lembrar disso, o primeiro mestrado em Educação Física no Brasil, foi da USP⁷ em 1977, e o nosso foi o segundo em 1979, então muitas pessoas na hora de fazer a opção entre ir para São Paulo ou vir pra cá, preferiam vir pra Santa Maria, porque tinha um ritmo de vida, uma coisa muito mais tranquila. Então isso gerou uma massa crítica absurda de mestres e doutores que trabalham até hoje pelo país inteiro. Eu até brincava, que no bairro onde está a Universidade, um conjunto residencial, que grande parte dos doutores e mestres da Educação Física, moraram lá, tinha um que tinha apartamento, vinha um, saía outro, aquele sistema de rodízio. A brincadeira mais ou menos essa, o quanto uma universidade fora do eixo das capitais impactou a formação. Então a ideia era começar a registrar um pouco desse impacto. Então, parecia que era inadmissível, tendo sido o segundo mestrado e doutorado do país, a gente não ter esse registro. E no último ano que eu estava na gestão, foi 2014, a gente abriu um pequeno espaço, a gente preparou uma sala, transformou, enfim, e eu defini algumas linhas de investigação, porque o objeto é tão grande, múltiplo, eu tive que definir algumas linhas pra gente começar a investigação. Isso foi em maio de 2014, em seguida, em outubro, eu sai da administração, assumiu um outro colega, o professor Luiz Osório⁸, e também a Universidade começou a entrar, tu sabes bem disso, começou a entrar em problemas de financiamento e a coisa diminuiu de ritmo, a gente estava com uma bolsista que fazia as primeiras, os primeiros registros, em termos de doação, estava indo num caminho bom, mas deu uma resfriada, deu uma resfriada mesmo. Porque tem que ter alguém olhando, e não é a minha área de investigação, eu gosto de trabalhar com memória, porque trabalho com velhos, mas não sou um estudioso de memória, de história, enfim. Então eu larguei a direção do Centro dia quatorze de outubro e dia vinte e um de outubro peguei a coordenação de um mestrado que a gente criou aqui na área do envelhecimento, na área de gerontologia, que era tipo de um grupo. Então eu acabei focando mais nas questões desse mestrado, botar o mestrado na rua, e o memorial acabou ficando num segundo plano. Infelizmente.

⁶ Centro de Educação Física e Desportos.

⁷ Universidade de São Paulo.

⁸ Luiz Osório Portela.

C. M. – O que vocês tinham em termos de material? O que vocês acharam de arquivos?

M. A. – Sabe pouca coisa assim, tudo muito desorganizado, a própria Universidade a alguns anos tem um projeto no departamento de arquivo geral, tem um projeto de dotar cada unidade de ensino, acho que na UFRGS⁹ chama assim também unidade de ensino ou centro de ensino, de dotar cada unidade de arquivistas pra ter um espaço e um local de registro de documentos. Então aqui em Santa Maria isso não está bem estruturado. Então tu tem material diluído em tudo que é sala, tem material dos cursos numa salinha da graduação, tu tem material do mestrado numa salinha que sobrou para o mestrado, muita coisa jogada, muita coisa na casa de professores e daqui a pouco o cara morre e esse material fica, o ideal é não perder esse *timing*, do registro de materiais. Mas a gente tinha muita pouca coisa, muita pouca coisa. Aí a gente criou um termo de doação, de material que ajuda, mas ele não foi pra frente, em dois anos ele parou, a coisa parou e não andou. Quando eu pensei, eu tinha programado algumas linhas de intervenção, eu fiz um panfleto, te mostrar aqui¹⁰, papelzinho, que era uma espécie de panfletinho para distribuir para as pessoas, no dia da inauguração. O que eu pensei, é um pouco nas questões físicas aqui da Educação Física. Uma segunda linha em questões humanas, foram os docentes, os técnicos administrativos, alunos e coisa e tal. Terceiro, questões acadêmicas, todas modificações de currículo, nós estamos na terceira versão do curso de licenciatura, a primeira foi de 1970, a segunda em 1990 e a terceira em 2005, bacharelado começou em 2006, o mestrado abriu em 1979, mas fechou em 2001, depois abriu em 2012, então seriam questões acadêmicas a terceira linha. A quarta linha nossa revista Kinesis, que foi muito famosa, que também fechou, ficou dez anos fechada e reabriu em 2012 também. Uma quinta linha, discussão sobre as equipes esportivas, que foi uma tradição grande aqui de Santa Maria, equipe de handebol, de atletismo, de natação, bem naquele modelo norte-americano que tu conhece bem. Aliás, aqui em Santa Maria foi criado todo espaço físico para ofertar práticas de Educação Física para os universitários, depois, na decorrência disso, alguns meses depois, que se pensou em criar o curso de Educação Física. A criação do curso é secundária, começa naquela época com equipes esportivas. E uma sexta linha de investigação sobre núcleos de trabalho antigo, o núcleo de terceira idade, núcleo de Educação Física adaptada, enfim. Então tentei pensar em uma forma de abranger, quando tu fala em memória pra tu

⁹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁰ Professor mostra o panfleto.

dizer alguma coisa mais concreta, poder capturar o material, mas parou tudo. Ontem eu recebi aquele convite da reunião que teve agora no começo do mês lá em Campinas¹¹, eu nem quis responder porque a gente está tão desarticulado aqui, que eu acho que não seria o momento. A gente tem que reativar a coisa aqui ainda, embora a gente saiba que quando a gente sofre junto é mais fácil. Mais fácil que sofrer sozinho.

C. M. – É mesmo. E professor, vocês tem além de documentos, tem fotos, objetos, ou é só documentos escritos?

M. A. – Tem, tem, tem um pequeno banco de fotos, tem alguns materiais, a coleção da revista toda a gente tem a cronologia, temos algumas coisas muito incipientes, muito, por isso que precisaria de alguém para trabalhar concretamente, vinte horas por semana, e a coisa não foi para frente. Mas se alguém quiser fazer alguma investigação, até acho que dá para fazer, mas vai dar muito trabalho porque o material não está organizado. A coisa de um ano, um grupo de alunos do curso de Arquivologia, numa disciplina, veio, deu uma organizada com as normas que eles têm, que eles sabem tudo disso, fizeram os fichários lá, organização de documentos, foi bem interessante. Mas é que falta..., conhece aquele ditado gaúcho Chris, “é o olho do dono que engorda o boi”, e aí como eu que criei acabei largando, a coisa travou, a coisa parou. Tem que ter alguém pensando nisso. Eu tenho um colega que trabalha com as disciplinas de história, mas também não se envolveu, aí ficou para trás.

C. M. – E como é que está a situação destes documentos, assim, além de não estarem organizados, eles estavam preservados nesses lugares?

M. A. – Alguns sim, muitas fotos foram preservadas, mas não tem desumidificador, por exemplo, que é algo básico, isso a gente não tem. A gente tem alguns documentos interessantes, alguns foram digitalizados, estão organizados em pastas. Mas longe de ser o ideal, de ser aquilo que a gente queria. É o que eu te falava do dono do boi, se tivesse alguém pensando, organizando fora, buscando recursos, mas a gente não tem isso. Eu me

¹¹ O professor se refere a uma reunião ocorrida no Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física (CHELEF), na cidade de Campinas (SP), que propôs a criação da Rede de Centros de Memória da Educação Física.

envolvi nos últimos dois anos com a coordenação do mestrado e o centro de memórias ficou jogado, infelizmente. Se tu tem a pretensão de fazer alguma busca aqui, eu não acho que a gente vá te ajudar muito não [risos].

C. M – E, aí na Universidade tem alguém que faz pesquisa histórica na Educação Física? Tem algum grupo, ou professor.

M. A. – Não, não. É o que eu te comentava, tem um professor que trabalha com a disciplina de história da Educação Física e não se envolve muito com pesquisa. A um tempo atrás eu fiz alguma coisa na área de Educação Física escolar, mas coisas muito episódicas, três ou quatro coisas na especialização, nada muito organizado não. Que é o que a gente consegue fazer, com a linha que tu estás participando, sempre tem mestrando e doutorando alimentando, ampliando o foco, isso a gente não consegue fazer, porque no mestrado em Educação Física não tem ninguém que trabalhe com isso. Agora a gente tem dois mestrados, tem um mestrado em Educação Física e um mestrado em gerontologia, e na Educação Física não tem ninguém que trabalhe com memória, lamentavelmente.

C. M, – E com o acervo vocês chegaram a fazer alguma atividade de exposição, ou de levar para página?

M. A. – Fizemos uma... Tinha até um bloguezinho, que foi desativado, a gente fez exposições de fotos antigas da construção do prédio, foi um dos últimos prédios ... Quando o curso começou ele não tinha espaço físico, ficou pedindo favor por alguns semestres, algumas coisas assim, e para chamar atenção pra memória. Hoje a maioria dos alunos não sabe dessa história do CEFD no cenário brasileiro. Então a gente fez algumas coisas muito incipientes, no *hall*, tu que conhece nosso prédio, no *hall* a gente fez exposições de fotos, naquele modelo bem assim de cordel sabe, fotos penduradas, foi uma das coisas interessantes, fizemos duas vezes, mas nada com *know how* assim, muito na tentativa e erro.

C. M. – Sim. E qual a estrutura que vocês dispõe pro memorial?

M. A. – Uma sala. Nem dá para dizer que é pequena, uma sala boa, uma sala boa. Coisas de tecnologia, um computador, um som, mesas, algumas coisas assim. Porque a ideia era, era não, é, é deixar ela funcionando durante a semana pras pessoas irem buscar algumas coisas, não como um museu, mas como uma coisa intermediária, pra gente escolher alguns assuntos e fazer exposições eventualmente. Mas estamos parados.

C. M. –Você disse que teve um bolsista, teve mais de um ou teve só um?

M. A. – Teve um lá no começo, inclusive foi um menino que estudou ai com a Silvana¹², Vicente¹³. Ele fez a graduação...

C. M.– A o Vico.

M. A. – O Vico. Ele veio para cá, fez mestrado, enquanto ele fazia mestrado eu era diretor, consegui uma bolsa para ele, como ele tem experiência, ele ajudou bastante no começo. Depois ele foi para o doutorado aqui na Faculdade de Educação e faltou grana para conseguir bancá-lo. E agora no primeiro semestre desse ano tinha um outro bolsista também que deu uma boa organizada no material. Mas é tudo episódico Chris, nada com constância, tem e não tem, é a ciência no Brasil.

C. M.– Sim. E vocês conseguiram algum tipo de apoio fora do Centro, da Universidade ou de algum projeto.

M. A. – Na verdade eu não posso te dizer que não porque não foi tentado. Tudo feito de uma maneira voluntariosa, até acredito que se tivesse ido atrás, a gente poderia ter conseguido, mas não foi tentado.

C. M. – E em relação ao registro do Centro, vocês chegaram a fazer algum registro em ata, ou algum projeto de extensão, alguma coisa assim na Universidade?

¹² Silvana Vilodre Goellner.

¹³ Vicente Cabreira Calheiros.

M. A. – Tem em curso uma reformulação do regimento daqui da Educação Física, têm ocorrido discussões, e uma das prerrogativas é colocar um memorial como uma figura administrativa, junto com biblioteca, sabe, como setores. Ai justifica colocar um funcionário, justifica ter dotação orçamentária, isso está sendo discutido num conjunto. Toda a Universidade aqui está sendo discutida, está tendo uma estatuinte, que é um processo longo que vai levar pelo menos uns dois anos e a Educação Física também vai ser remodelada nessa perspectiva, mas não temos ainda, mas está em processo.

C. M. – Na Universidade tem um curso de Arquivologia, você comentou, e o que eles já puderam ajudar aí?

M. A. – Até acho que eles ajudaram bastante, porque era uma disciplina de uma professora que estava acostumada a trabalhar com isso, uma disciplina que chamava, é, Classificação... não sei o que, esqueci o outro nome, mas porque é uma área de conhecimento que tem vários tipos de organização de materiais. Eles apresentaram uma forma bem interessante, que eu te confesso que eu não conheço, mas como tu organiza documentos, como que tu puxa um esquema, deixaram o relatório bem bom. Como não tem ninguém pra apreciar o relatório...

C. M. – E o pessoal da biblioteca, por exemplo, se envolveu também?

M. A. – Não, também teve troca, nesse meio termo trocou a bibliotecária responsável, mas é uma pessoa que certamente ajudaria muito, só é muito sensível, gostaria de ajudar sim. Nosso principal problema que tu percebeu, é que a gente está sentado em cima de uma fortuna, é um campo de investigação muito rico, pela história que o Centro tem, mas está faltando alguém pegar a frente. Eu fiz uma partezinha quando fui diretor, mas isso é uma questão de gestão, eu não posso fazer isso, porque tenho outras tantas coisas pra fazer.

C. M. – Professor, como você definiria o memorial da UFSM?

M. A. – Como eu definiria?

C. M. – Sim.

M. A. – Que bela pergunta Chris. Um bem necessário mas ainda não existente. Do ponto de vista profissional mais do que acadêmico, é indiscutível a contribuição que o nosso Centro deu para o imaginário da Educação Física brasileira. Isso tem que ser feito, não sei se vai ser por mim, ou por outra pessoa, mas tem que ser feito sem dúvida nenhuma. Todo impacto que teve, que tem aqui na região central por ser uma Universidade pública, não é, tem muitas reflexões e tem que ser feitas, sem dúvida. Só que no momento está parado, é uma fortuna, é como um diamante bruto. Tem que ser lapidado.

C. M. – É, você chegou acompanhar algum outro Centro, ou algum outro Centro deu alguma ideia, ou pode ajudar aí também?

M. A. – Quando eu tive essas primeiras ideias, primeiro fiz um trabalho de busca, entrei na página de vários, o de vocês que é, até onde eu sei, uma das melhores referências do país, ainda olhei o da UFMG¹⁴, também tem um centro de memória e um outro acho que era do Rio¹⁵, aquelas páginas de como é que se organizavam. E um dia eu estive aí e conversei com a tua orientadora, que também fez a pós-graduação aqui [risos]. Conversei com a Silvana, ele me deu umas baitas dicas, me deu muito apoio, me deu muito apoio mesmo. A gente tem que multiplicar isso, Chris. O problema é que são sempre os mesmos que querem fazer tudo. Tem um monte de docente que dá aula, que é muito bom, e alguns querem fazer pesquisa, extensão e criam mais coisas e acaba não dando.

C. M. – E a página você diz que vocês chegaram a ter um *blog*.

M. A. – Tinha um *blog* mas já foi desativado por não tido acesso e coisa e tal, nem lembro o endereço dele.

C. M. – Então professor tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

M. A. – Não, só to convencido de que a gente tem que tocar essa ideia pra frente, tem que sensibilizar alguém que queira tocar, porque a ideia da rede aquela que foi lançada lá em

¹⁴ Universidade Federal de Minas Gerais.

¹⁵ Centro de Memória Inezil Penna Marinho, no Rio de Janeiro.

Campinas agora é superimportante, a gente se junta, pode trocar materiais, não precisa ser tudo original, inédito como no *multishow*¹⁶. Mas eu fico triste, porque eu tenho convicção da necessidade da justificativa do memorial, mas ele não decola, ele não vai para frente. Quem sabe daqui algum tempo.

C. M. – Então professor, quero agradecer...

M. A. – Te ajudei guria?

C. M. – Claro, ajudou bastante. Professor, muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁶ Canal de Televisão fechada.